

**A TRANSLITERATURA NAS REDES SOCIAIS:
OBSERVAÇÕES ENTRE ALUNOS DE ENSINO MÉDIO
EM CAMPOS DOS GOYTACAZES**

Ocinei Trindade de Oliveira (UENF)

ocinei@gmail.com

Simone Rodrigues Barreto (UENF)

sibarreto@gmail.com

Analice de Oliveira Martins (UENF)

analice.martins@terra.com.br

RESUMO

Este artigo se propõe examinar supostas impressões e reações que um grupo de estudantes da Escola Estadual João Pessoa, no município fluminense de Campos dos Goytacazes (RJ), possui em relação à *literatura* e à *transliteratura* presentes nas redes sociais digitais. A intenção é refletir sobre hábitos de leitura e de escrita que vêm sendo praticados em ambientes virtuais pulsantes como são as redes sociais digitais. A questão problema norteadora dessa pesquisa é até que ponto pode ser considerada literatura ou prática literária a escritura fragmentada e multifacetada nas redes digitais? O hipertexto, hiper mídias e hiperlinks, termos criados pelo filósofo americano e pioneiro da tecnologia da informação, Theodor Holm Nelson, se manifestam na transliteratura, conceito também desenvolvido por ele, mas que ainda carece de compreensão e pesquisas dentro e fora do ambiente escolar, pois a relação do leitor com o livro e a web vem se modificando em ritmo acelerado nas últimas décadas. Esta investigação se baseia nas teorias de especialistas em literatura e cibercultura como por exemplo, Terry Eagleton, Pierre Lévy e N. Katherine Hayles.

Palavras-chave: Redes sociais. Transliteratura. Hipertexto.

1. Introdução

Sabe-se que a literatura antecede ao período da prensa de Gutemberg, na Idade Média, mas desde que o texto oral e o manuscrito puderam ser transportados para uma máquina, transformados em tipos móveis e reproduzidos em vários exemplares impressos, a circulação de narrativas e ideias entre leitores fez com que a escrita atingisse um novo status e patamares até então desconhecidos. As palavras alcançaram um novo modo de transitar entre as pessoas, despertando interesses e sentidos diversos. Com o passar do tempo, livros, folhetos, jornais, panfletos, cartazes, revistas, desenhos, pinturas, ilustrações, imagens em fotografia adquiriram maior notabilidade e audiência por meio do papel e suas combinações tipográficas dentro da até então inovadora tecnologia.

Da produção literária de romances em escala industrial no Século XIX às impressões de todos os estilos de discursos textuais durante o Século XX, o papel impresso ajudou a *democratizar* e a espalhar saberes e conhecimentos científicos, além de entreter e encantar o público leitor interessado em gêneros de ficção, poesia, filosofia e outras preferências. Nessa época, as editoras, livrarias, a crítica literária e o leitor se definem em posições demarcadas em torno da obra, conquistas evolutivas da escrita que se propagaram por distintos cantos do mundo e em diversos idiomas. A indústria do livro e de periódicos (ainda) faz parte de um mercado lucrativo em constante movimentação, adequação e readequação dentro do sistema capitalista.

A partir da criação da informática e da introdução do computador doméstico no cotidiano da sociedade, uma outra revolução social e tecnológica da escrita foi iniciada, dando origem à Era Digital. Esta se consolida com o advento da Internet e da *World Wide Web*, a rede mundial de computadores conectados. Desde então, a literatura e a escrita nunca mais foram as mesmas. Uma teia de possibilidades (quase) infinitas surge e ressurgue a todo instante com conexões surpreendentes. O Século XXI tem sido marcado pela velocidade e pelos avanços cada vez maiores nos aspectos informáticos e informacionais. Especialistas e estudiosos afirmam que nunca se escreveu e se leu tanto como nestes tempos dromocráticos e cibernéticos em que, o acesso à rede digital e aos computadores espalhados pelo mundo, nos conectam e nos deslocam em navegações para qualquer lugar, qualquer direção, qualquer língua, com rotas de fugas permanentes e ultrarrápidas ao menor movimento de um clique. No ciberespaço, navegar é mais que preciso. Já viver, segundo o poeta Fernando Pessoa, não é.

Em plena Era da Informação, à qual estamos inseridos, repensar e reavaliar as práticas de leitura e de escrita tornaram-se indispensáveis para a compreensão de nós mesmos, já que diferentes gerações transitam e migram por territórios que podem causar estranhamentos e dúvidas, sejam no ciberespaço, sejam nas tradicionais formas de consumo de textos literários. Trata-se da possibilidade de encontro das gerações *Baby Boomer* X, Y e Z no mesmo ambiente virtual. Alguns, ainda demonstram desconforto e resistência ao universo digital, são os migrantes e imigrantes. Já outros, estão perfeitamente adaptados, pois são nativos.

A chamada literatura eletrônica ou digital, o hipertexto e os gêneros digitais, passaram a dividir e a ocupar lugares que antes pertenciam apenas ao texto impresso, ao cânone tradicional. A Internet é capaz de

reunir em um mesmo ambiente diversas linguagens e correntes artísticas e filosóficas, mesclando escrita e produtos audiovisuais com celeridade, ampliando e amplificando conceitos e características semióticos em manifestações de expressão humana cada vez mais hibridizadas. A leitura não linear (*hipertextualizada e hiperlinkada*) é uma das características dos hábitos de consumo de textos em rede (embora na leitura de um livro ou de qualquer texto, nada impede de iniciar sua leitura partindo de qualquer ponto ou lugar). Uma palavra puxa outra palavra; uma informação se associa à outra; uma imagem remete a milhares de outras coisas que sugerem múltiplas conexões rizomáticas dentro do mais amplo conceito e caracterizações delleuzianos. Entre várias análises, Luiz Antônio Marcuschi e Antônio Carlos Xavier refletem este comportamento de escrita em *Hipertexto e Gêneros Digitais; Novas Formas de Construção de Sentido* (2009) “Todo texto é um hipertexto, partindo do ponto de vista da recepção. Sob sua ótica, tratando-se do hipertexto eletrônico, a diferença incide somente no suporte e na forma e rapidez do acesso”. (MARCUSCHI & XAVIER, 2009, *apud* KOCH, 2002, p. 153)

De acordo com N. Katherine Hayles, “à medida que as tecnologias literárias mudam, as subjetividades que elas representam e informam também mudam” (HAYLES, 2009, p. 165). A autora de *Literatura Eletrônica; Novos Horizontes para o Literário* aponta, entre outras reflexões, a percepção de escritores da mídia impressa que correm o risco de se tornar obsoletos, pois os jovens atualmente passam menos tempo lendo livros impressos e mais tempo surfando na Web, jogando videogames e ouvindo arquivos de MP3. Segundo ela, neste momento histórico quase todo texto nasce digitalmente, pois sua escrita se concentra essencialmente nos computadores pessoais, notebooks, tablets e telefones celulares, sem a obrigatoriedade de serem impressos em papel. E como os leitores com acesso à estas mídias estão se portando e se interessando por narrativas ficcionais? Se a Internet é uma rede que abriga bilhões de usuários capazes de promoverem e executarem outras incontáveis conexões entre redes, os sítios de relacionamento podem nos dar algumas pistas de como a produção e o consumo de textos vêm transformando a literatura e o fazer literário.

De maneira objetiva e relativamente superficial, foi verificado em uma pesquisa em forma de questionário o interesse que um grupo de estudantes de uma escola pública da cidade fluminense de Campos dos Goytacazes (RJ) possui em relação às redes sociais digitais e à literatura. A intenção é refletir sobre os hábitos virtuais de consumo nesses ambien-

tes entre os adolescentes, público este que se destaca em uso e participação nos sítios de relacionamento. Nas redes sociais digitais, é possível identificar rotineiramente a natureza hipertextual da escrita; da mescla de linguagens verbal e não verbal; da fusão de textos e intertextos caleidoscópicos que povoam o ciberespaço, além de um extenso cardápio de opções audiovisuais.

Pode-se dizer que a literatura no século XXI está em vigor além do texto, além da palavra; híbrida e transmidiática, adquirindo assim um caráter *transformador* e *transliterário*. Apesar de ser um conceito que exige aprofundamento e mais reflexões, a transliteratura já é observada e praticada na *Web* de diferentes modos. Nas redes sociais digitais há manifestações frequentes de algum tipo de transliteratura. Para que esta seja observada ou identificada, ainda é preciso ver e rever conceitos do que seja literatura. A Academia Sueca, no dia 13 de outubro de 2016, comunicou ao mundo que o cantor de rock estadunidense Bob Dylan foi o ganhador do Nobel de Literatura, prêmio máximo da categoria ofertado há mais de um século. Dylan escreveu dois livros apenas, mas foram as letras de suas canções que o fizeram premiado, pelo conjunto de sua obra gravada em discos durante cinco décadas de carreira musical. Membros da distinta Academia teriam comparado o laureado cantor a Homero e a Safo, poetas de tradição oral da Antiguidade considerados clássicos. A poesia escrita e musicada por Bob Dylan gerou críticas, debates e controvérsias, mas também bastante apoio de um público que valoriza palavra e texto, independentemente do formato ou suporte. O filósofo e crítico literário britânico, Terry Eagleton, afirma: “Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros, tal condição é imposta” (EAGLETON, 2001, p. 12). De que modo as redes sociais digitais comportariam a escrita literária e até que ponto esses veículos podem ser reconhecidos a partir do olhar de Terry Eagleton? Já que o texto ultrapassou o território do livro impresso nas últimas décadas, sabemos que as redes sociais digitais vêm sendo utilizadas na produção e na reprodução textuais, demonstrando que aspectos transliterários estão incorporados ou incorporando-se na rotina de milhões de usuários que acessam a Internet.

2. *Literatura que atravessa períodos e espaços em (trans)formações cibernéticas*

Antes de serem apresentados dados sobre a pesquisa feita com estudantes do ensino médio a respeito de redes sociais digitais e sobre o que consomem nesses sítios de relacionamentos, vale recuperar alguns

conceitos e reflexões de pesquisadores e escritores acerca de aspectos referentes à literatura nas últimas décadas. Não é incomum nos depararmos com vários tipos de questionamentos referentes ao futuro da literatura. Diversos segmentos e setores em torno da indústria do livro estão interessados e dispostos a se adaptarem e a se reinventarem, mediante ao avanço das tecnologias transmidiáticas que absorvem e reproduzem, entre outras coisas, textos literários que podem ser acessados em qualquer lugar do mundo, de modo livre e gratuito em grande parte dos acessos. Além das redes de relacionamentos como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Blogs*, existem milhões de possibilidades de escritas e leituras de textos que são reproduzidos e compartilhados com a velocidade habitual da era digital, alcançando públicos bem maiores e abrangentes que a tradicional venda e distribuição de livros impressos. Muitos especulam e analisam quanto ao futuro da literatura, entre os quais a pesquisadora e teórica da literatura, a norte-americana N. Katherine Hayles. Em suas observações sobre o texto digital, ela comenta:

A literatura digital será um componente importante do cânone do século XXI. Mais acertada do que possa parecer, essa previsão baseia-se no fato já comentado que quase toda literatura contemporânea já é digital. Exceto por uma meia dúzia de livros produzidos por editoras das belas-letas, a literatura impressa consiste de arquivos digitais ao longo da maior parte de sua existência. A digitalidade é tão essencial para os processos contemporâneos de composição, armazenamento e produção que o meio impresso deveria ser devidamente considerado uma forma de arquivos digitais, e não uma mídia separada da instância digital... Como esses exemplos sugerem, a textualidade impressa e eletrônica se interpenetram profundamente. Embora textos impressos e a literatura eletrônica – isto é, a literatura que é “digital de nascença”, criada e concebida para ser executada em mídia digital – tenham funcionalidades significativamente diferentes, elas são mais bem consideradas dois componentes de uma complexa e dinâmica ecologia de mídia. (HAYLES, 2009, p. 163-164)

A partir das observações de N. Katherine Hayles, não seria arriscado afirmar que o futuro da literatura já está em curso durante estas duas primeiras décadas do século XXI. O livro tradicional, impresso ou digital, vem enfrentando outros concorrentes neste período de navegações sem limites pelo ciberespaço. Além da rede mundial de computadores com seus arquivos que aparentam infinitos, há dentro da *Web* várias outras redes que se conectam e se agrupam, onde seus usuários realizam durante muito tempo trocas de mensagens escritas, em áudio, em imagem fotográfica, em imagens que se movimentam em vídeos, podendo, inclusive, utilizarem e reutilizarem todas essas mídias ao mesmo tempo. A comunicação se faz de múltiplas formas nas redes sociais, onde textos, intertextos e hipertextos são combustíveis que alimentam e retroalimen-

tam as relações humanas ligadas por fios e condutos invisíveis ativados por meio de telas e teclados de computador ou de *smartphones*.

Os conteúdos que ocupam os aparelhos eletrônicos com acesso aos sítios e às mídias digitais possuiriam atributos literários? A partir do que já é considerado literatura eletrônica, as redes sociais digitais também poderiam representar nichos de um mercado consumidor? É possível que o usuário de redes sociais digitais esteja produzindo e consumindo *literatura* e até mesmo a *transliteratura* sem se dar conta. Para se afirmar tal possibilidade, é necessário ainda investigar e pesquisar sobre esse público consumidor de mídias sociais. No questionário realizado com um grupo de internautas que são estudantes do ensino médio do Colégio Estadual João Pessoa, em Campos dos Goytacazes, e que será exibido mais adiante, poderemos observar algumas impressões sobre esses conteúdos acessados e compartilhados por eles nas redes sociais.

Antes de N. Katherine Hayles se dedicar às pesquisas e exposições sobre literatura eletrônica, um outro escritor e pesquisador se antecipou ao prever sobre como seria a literatura do futuro de acordo com sua experiência e seu ponto de vista. O italiano Italo Calvino, autor de *Seis Propostas para o Próximo Milênio: Lições Americanas* (1990), texto criado originalmente em 1985 para ser apresentado durante uma série de conferências em Boston, na Universidade de Harvard, destacou as seguintes características que, segundo ele, marcariam a literatura no século XXI: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. As seis propostas de Italo Calvino se adequariam aos escritores e aos leitores do futuro que passariam à *condição de internautas* (grifo nosso). Vale destacar que a rede mundial de computadores ainda não existia como a conhecemos atualmente.

As seis propostas ou reflexões de Italo Calvino parecem caber perfeitamente nos ambientes das redes sociais digitais. No mundo virtual não há limites para textos ou manifestações discursivas de qualquer natureza. Na *Web*, entre tantas possibilidades de escritas e ideias, identificamos registros de leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência por parte de usuários. Entretanto, o oposto dessas características também pode ocorrer durante uma pesquisa ou acesso no ciberespaço. Tornou-se comum o hábito de se registrar textual ou imagicamente qualquer conteúdo pessoal ou alheio. Esta necessidade parece acompanhar a humanidade muito antes da Internet, em qualquer tipo de suporte, desde as paredes de cavernas pré-históricas, passando por tábuas de barro, pelo códex, papiros, pergaminhos até os livros prensados a partir da

Idade Média após o invento de Johannes Gutemberg. Em 1450, ele iniciou a impressão da Bíblia Sagrada, processo concluído após cinco anos. A obra bíblica segue em circulação nos moldes tradicionais impressos que foram aperfeiçoados tecnologicamente nos últimos cinco séculos, além de versões integrais ou completas *on-line* (desde que haja algum computador ou telefone celular conectado à rede mundial). A Bíblia também aparece em versões de mídias compactas como discos de leitura à *laser* ou *pen drives*, por exemplo.

Entusiastas da palavra como ofício a serviço da cultura e da sociedade não veem limites para a literatura se manifestar:

No universo infinito da literatura sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem do mundo...mas se a literatura não basta para me assegurar que não estou apenas perseguindo sonhos, então busco na ciência alimento para as minhas visões... (CALVINO, 1990, p. 19)

Essa observação do escritor italiano faz referência ao tema “leveza”, a primeira das características que ele apontou como proposta para a literatura deste terceiro milênio. Visionário, Italo Calvino anteviu a relevância que as máquinas em formatos de computador desempenhariam nesta era junto aos seres humanos:

Em seguida vem a informática, é verdade que o software não poderia exercer seu poder de leveza senão o peso do hardware; mas se o software que comanda, que age sobre o mundo exterior e sobre as máquinas as quais existem apenas em função do software, desenvolvendo-se de modo a elaborar programas de complexidade cada vez mais crescente. A segunda revolução industrial, diferentemente da primeira, não oferece imagens esmagadoras como prensas de laminadores ou corridas de aço, mas se apresenta como hits de um fluxo de informação que corre pelos circuitos sob a forma de impulsos eletrônicos. As máquinas de metal continuam a existir, mas obedientes aos bits sem peso. (CALVINO, 1990, p. 19)

Para Italo Calvino, a literatura do século XXI deveria concentrar-se ao máximo na poesia e no pensamento. Se isto ainda não se manifestou de modo massificado ou perceptível, resta-nos acompanhar os destinos das comunicações no presente e no porvir, embora estejamos constantemente revisitando os poetas, os filósofos e dramaturgos do passado até a Antiguidade. Nestes tempos em que a escrita transita livremente pelo ciberespaço, independente de crivos de editoras e aprovações da crítica literária, as redes sociais digitais oferecem território vasto para que o escritor-leitor possa se expressar do jeito que lhe convém ou desejar, sobre qualquer tipo de assunto de seu interesse.

Todos os navegadores que se propõem a escrever ou a ler na *Web*, de algum modo, buscam alcançar uma determinada visibilidade de seus textos e comentários. Entre as propostas de Italo Calvino para a literatura do século XXI, dar visibilidade à escrita seria uma atribuição de relevância neste milênio. A Internet tem propiciado aos seus usuários de um modo geral, chances para se alcançar uma pretendida notoriedade de seus textos postados em rede, sejam de modo escrito ou verbal, valendo-se de recursos de som e imagens. O uso das mídias digitais só aumenta a prática dessa escrita visível e acessível a bilhões de pessoas conectadas. Dentro do tema “visibilidade”, Italo Calvino comenta:

Encontramos aí um destes casos em que a imagem é determinada por um texto escrito pré-existente (uma página ou uma simples frase com qual me defronto na leitura), dele se podendo extrair um desenrolar fantástico tanto no espírito do texto de partida quanto numa direção completamente autônoma. (CALVINO, 1990, p. 105)

Influenciado pelas teorias marxistas, Terry Eagleton aborda entre outras questões, uma crítica política acerca dos estudos literários, sobre o que é habitualmente chamado de “literatura”, sem deixar de arriscar alguns apontamentos sobre o futuro literário que se atravessa:

Contudo, não devemos supor *a priori* que aquilo que é atualmente chamado de “literatura” será, sempre e em toda parte, o foco mais importante da atenção. Tal dogmatismo não tem lugar no campo de estudo cultural. Nem é provável que os textos hoje classificados como “literatura” sejam vistos e definidos da mesma maneira como o são hoje, quando tiverem sido devolvidos às formações discursivas mais amplas e profundas de que são parte. Serão inevitavelmente “reescritos”, reciclados, terão usos diferentes, serão inseridos em diferentes relações e práticas. Sempre o foram, é claro, mas um dos efeitos que a palavra “literatura” tem é o de nos impedir de enxergar isto. (EAGLETON, 2001, p. 292)

Há a necessidade constante de se buscar definições e comprovações em todas as áreas do saber. Na literatura, analisar o presente exige uma série de cuidados e preocupações a mais, sobretudo neste período em que a tecnologia é desenvolvida baseada na velocidade. Qualquer pesquisa científica requer tempo para sua apreciação e resultados. O comportamento humano diante das mídias digitais desperta uma série de questionamentos. Os fenômenos e gêneros literários propagados nas redes sociais digitais têm causado algumas transformações e ressignificações, mas como classificá-las dentro de um suposto cânone digital? Nestes tempos líquidos, em que a escrita se faz, se desfaz e se refaz na rede tão facilmente, a quem compete dar valor ou reconhecer os textos como obra literária?

Se antes da *World Wide Web* e das redes sociais digitais, analisar criticamente uma escrita registrada no livro impresso funcionava como uma espécie de ritual para reconhecimento da obra, feito por um grupo seleto de acadêmicos e críticos, atualmente a profusão de textos e obras espalhados pela Internet dificulta uma seleção feita por *especialistas*. Acredita-se que, cada vez mais, compete ao leitor-navegador, escolher e eleger aquilo que realmente lhe agrada, julgando assim ao seu modo, o que teria ou não valor literário. Nos dicionários e enciclopédias, impressos ou digitais, ainda se buscam definições e significados para a palavra “literatura”. No *Dicionário Brasileiro Globo*, de 1952, organizado pelo pesquisador natural de Minas Gerais, Francisco Fernandes, encontramos a seguinte definição para a palavra *literatura*: “Arte de compor obras literárias; carreira das letras; conjunto de trabalhos literários de um país ou de uma época; os homens de letras. Do latim *literatura*” (FERNANDES, 1952). Em tempos de escrita digital no ambiente virtual, a definição dicionarista aqui exemplificada aparenta uma certa limitação. Na Internet, por exemplo, uma das enciclopédias abertas é o sítio *Wikipedia*, onde aparece a etimologia da palavra *literatura*²³ como termo que provém do latim “*litteris*”, “arte de escrever literatura”, a partir da palavra latina *littera*, “letra”. O sítio eletrônico explana um pouco mais que o dicionarista Francisco Fernandes a respeito do que se entende por literatura:

Mais produtivo do que tentar definir *Literatura* talvez seja encontrar um caminho para decidir o que torna um *texto*, em sentido lato, literário. A definição de literatura está comumente associada à ideia de estética, ou melhor, da ocorrência de algum procedimento estético. Entretanto, nem todo texto é literário, e quando consegue produzir um efeito estético provoca catarse, o efeito de definição aristotélica, no receptor. A própria natureza do caráter estético, contudo, reconduz à dificuldade de elaborar alguma definição verdadeiramente estável para o texto literário. Para simplificar, pode-se exemplificar através de uma comparação por oposição. Vamos opor o texto científico ao texto artístico: o texto científico emprega as palavras sem *preocupação com a beleza*, o efeito emocional. No texto artístico, ao contrário, essa será a preocupação maior do artista. É óbvio que também o escritor busca instruir, e passar ao leitor uma determinada ideia; mas, diferentemente do texto científico, o texto literário une essa instrução à necessidade estética que toda obra de arte exige. O texto científico emprega as palavras no seu sentido dicionarizado, denotativamente, enquanto o texto artístico busca empregar as palavras com liberdade, preferindo o seu sentido conotativo, figurado. O texto literário é, portanto, aquele que pretende emocionar e que, para isso, emprega a língua com liberdade e beleza, utilizando-se, muitas vezes, do sentido metafórico das palavras, (WIKIPEDIA, 2016)

²³ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura>

As definições do antigo dicionário brasileiro aqui mencionado, além das observações encontradas na página virtual da enciclopédia eletrônica sobre o que pode ser considerado *literatura* encontram lugar dentro das redes sociais digitais e fora delas? Se acrescentarmos o prefixo grego *trans* à palavra *literatura* no sentido de algo “além de”, “para além de”, “em troca de”, “para trás”, “através de”, formamos a expressão *transliteratura*, cuja origem mais conhecida até então se deve a um dos pioneiros da Tecnologia da Informação, o filósofo e sociólogo americano, Theodor Holm Nelson, ou simplesmente Ted Nelson, que cunhou o termo, além dos verbetes já consagrados “hipertexto”, “hiperlink” e “hipermídia, entre outros. De acordo com Theodor Holm Nelson, a transliteratura²⁴ trata-se de um gênero ou um formato humanista para mídias e documentos reutilizáveis, profundo, aberto, livre, amigável, não hierarquizado, profusamente conectável.

O projeto transliterário de Theodor Holm Nelson segue em desenvolvimento e requer uma série de aperfeiçoamentos, observações e análises. Entretanto, a proposta de reunir documentos e diferentes mídias audiovisuais em conexão já é rotina na *Web*. Não é novidade localizar textos atrelados a imagens fotográficas ou a vídeos que se fundem em publicações ou postagens frequentes, sejam em correspondências pessoais privadas (e-mails e chats), ou nas públicas redes sociais digitais exibidas livremente. Entretanto, a literatura digital já se vale de recursos com o máximo de possibilidades múltiplas para links e hiperlinks em e-books e mídias afins. Em seu sítio eletrônico, Theodor Holm Nelson assim conceitua sua forma de encarar a *literatura*:

O que é literatura? A literatura é (entre outras coisas) o estudo e o projeto de documentos, a sua estrutura e ligações. Portanto, documentos eletrônicos de hoje são literatura, literatura eletrônica e a questão. É a literatura eletrônica que as pessoas realmente precisam. A literatura eletrônica deveria pertencer ao mundo inteiro, e não apenas ser acumulado por um sacerdócio, e deve fazer o que as pessoas precisam, a fim de organizar e apresentar ideias humanas com a menor dificuldade na mais rica forma possível. (NELSON, 2005)

A literatura neste século XXI, acredita-se, já não tem as mesmas características e práticas ou hábitos como a de períodos anteriores identificados nos séculos XIX e XX, por exemplo. Pelo que se tem conheci-

²⁴ <http://transliterature.org>

mento até aqui, como N. Katherine Hayles destacou anteriormente, as subjetividades e os interesses literários se modificam ou se transformam de acordo com a época. A relação entre obra, autoria, leitor, texto e mídias ganhou novos contornos e colorações, reforçada pela utilização da rede mundial de computadores. Este provável e inovador jeito de se produzir e de consumir *literatura*, ou aquilo que é sugerido aqui como *trans-literatura*, aparecem na receptividade dos usuários de redes sociais digitais na abordagem com estudantes de ensino médio durante uma pesquisa simples e objetiva realizada no Colégio Estadual João Pessoa, na cidade fluminense de Campos dos Goytacazes (RJ), apresentada a seguir.

3. Uma possibilidade de identificar a prática e o consumo de literatura nas redes sociais digitais

Esta pesquisa foi realizada no fim de outubro de 2016 com o objetivo de observar uma suposta identificação de literatura nas redes sociais digitais, e se seus usuários assim a reconhecem enquanto se utilizam dessas mídias em navegações cibernéticas. Optou-se por um questionário simples e objetivo com poucas perguntas e, por ser pesquisa de caráter qualitativo, dar aos entrevistados a chance de tecer comentários, caso assim o quisessem fazê-lo. A escolha de um grupo de estudantes do ensino médio foi acertada por esses já possuírem algum tipo de formação cultural e intelectual, e ainda, por pertencerem à chamada geração Z, nativos digitais que nasceram no fim do milênio passado até os anos 2010, e que costumam assimilar naturalmente a linguagem e as práticas comunicacionais de escrita e conversação *on-line*.

A opção por escolher um grupo de estudantes do Colégio Estadual João Pessoa, em Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense foi aleatória, apesar dessa instituição de ensino costumar atrair pesquisadores de diferentes segmentos das áreas pedagógica, sociológica e filosófica, por exemplo. O questionário foi composto por seis perguntas impressas em papel e distribuído a 30 estudantes voluntários matriculados do 1º ao 3º ano do ensino médio, que aceitaram ao convite para que o respondessem. Desse total de entrevistados, apenas um não entregou o questionário e, portanto, foi descartado da contagem geral de respostas, resultando então em 29 questionários preenchidos.

Foram apresentados aos estudantes os seguintes questionamentos: Faixa etária; se faz uso de redes sociais digitais? Se sim, quantas horas do dia navega pelas redes sociais? Quais redes sociais utiliza? Consome literatura nas redes sociais? O que consome nas redes sociais? Dos 30 questionários distribuídos aleatoriamente entre os estudantes, 29 foram devolvidos respondidos. No aspecto parcial, foram 9 (nove) estudantes do primeiro ano do ensino médio (turmas 1003, 1005, 1006 e 1007); 3 (três) estudantes do segundo ano (turmas 2002, 2003, 2006); 17 (dezesete) estudantes do terceiro ano (turmas 3001, 3002, 3004) que apresentaram respostas. Apenas 1 (um) estudante não respondeu a nenhuma das questões.

4. Perfil dos respondentes da pesquisa

Nesta parte, procede-se a apresentação e a análise dos dados obtidos e do tratamento estatístico efetuado com base na aplicação do questionário aos alunos de ensino médio da Escola Estadual João Pessoa, em Campos dos Goytacazes. Para corroborar a relação existente entre as especificidades desta produção gráfica e a compreensão de informações científicas, a pesquisa quali-quantitativa se estruturou através de um questionário composto por seis questões de múltipla escolha e uma discursiva.



A pesquisa mostrou que 72% dos respondentes apresentam idades entre 16 e 18 anos. Foi observado e comprovado que há entre esses alunos os considerados nativos digitais, ou da geração Z, conforme conceito

de Marc Prensky (2001); e os outros 44.4% são considerados imigrantes digitais. As outras duas faixas etárias se dividem em percentual igual. Imigrantes digitais e nativos digitais são termos cunhados por Marc Prensky (2001) utilizado para descrever duas gerações de indivíduos. A primeira geração é constituída por indivíduos que nasceram antes da potencialização das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC), em uma época em que a pesquisa era feita em bibliotecas, enciclopédias, e não em sites de busca como o Google. Esses indivíduos foram denominados por Marc Prensky (2001) imigrantes digitais. A segunda, que Marc Prensky (2001, p. 6) denominou de nativos digitais, é formada pelos que não conseguem imaginar o mundo sem a tecnologia, e que quando nasceram, tecnologias como o computador e celular já faziam parte da realidade global.

Outro autor subdivide ainda mais o conceito de Marc Prensky. Para Fava (2014, p. 12), nas últimas décadas houve diminuição do intervalo de tempo da mudança entre uma geração e uma nova geração. Pela primeira vez, observa-se em maior número diferentes gerações coexistindo na sociedade, e conseqüentemente nas instituições escolares. O autor explica que atualmente convivem entre si, a geração *baby boomers*, nascidos entre 1945 e 1960; a geração X, dos nascidos entre 1961 e 1982; a geração Y, dos nascidos entre 1983 e 2000; a geração Z, dos nascidos entre 2000 e 2009; e por último a geração alfa, estes nascidos após 2010 (FAVA, 2014, p. 47)

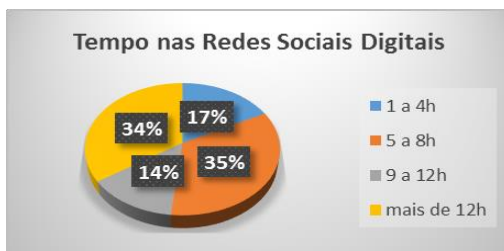
4.1. Perfil de utilização das mídias digitais



No gráfico 02 é relevante a influência das redes sociais digitais na vida desses estudantes. Todos os 29 alunos afirmaram que utilizam as redes sociais diariamente. Isso reafirma o que o autor Pierre Levy, a respeito

to do momento vivido neste século: “A comunicação interativa e coletiva trazida pelas redes sociais digitais é a principal atração do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 208)

4.2. Tempo diário gasto com as redes sociais



Quanto aos hábitos de utilização da Internet pelos estudantes da amostra, a maioria (35%) utiliza este ambiente de cinco a oito horas diárias. Pode-se afirmar que eles são dependentes do ciberespaço e das ferramentas disponíveis nestes ambientes. O curioso é que quase o mesmo percentual (34%) afirmou que vai além. Utilizam mais de doze horas o ambiente das redes sociais. Os que menos utilizam as redes sociais explicaram que estão *on-line* de uma a quatro horas por dia. Percebe-se através desses dados que o aluno de ensino médio é extremamente dependente desses aparatos tecnológicos e que, boa parte de suas leituras, está concentrada nos *smartphones* ou em outros dispositivos. Esse comportamento confirma as afirmações de Pierre Lévy (1999), quando conceitua a cibercultura, explicando que ela transforma a relação das pessoas, economizando tempo e aproximando espaços.

4.3. Principais redes sociais digitais utilizadas



Verificou-se no gráfico acima que as redes sociais digitais mais utilizadas pelos alunos do ensino médio da Escola Estadual João Pessoa são: o *WhatsApp* (com 100%) da preferência dos respondentes. Seguido pelo *Facebook* (com 96%). Por essa razão, confirma-se a hipótese de que as redes sociais digitais *WhatsApp* e *Facebook* são as mais utilizadas pelos estudantes no Norte Fluminense. Os números nos mostram que a maioria dos participantes da pesquisa possui, em média, contas em pelo menos três redes sociais digitais entre as cinco listadas. Percebeu-se que outras redes sociais também são de interesse desses alunos. Os domínios do *Facebook* e do *WhatsApp* seguem uma tendência mundial.

4.4. Percepção de consumo das redes sociais digitais



Ao perguntar aos alunos do ensino médio a respeito da literatura, e se eles acreditam consumir literatura no ambiente virtual das redes sociais, os resultados foram surpreendentes. Em sua maioria (93%), os respondentes afirmaram que consomem, sim, literatura no ciberespaço; e mais especificamente, nas redes sociais digitais. Apenas 7% dos alunos descartaram essa hipótese.

4.5. Perfil do consumo nas redes sociais digitais



Na última questão do formulário, foi solicitado aos entrevistados que listassem o que mais consomem em uma Rede Social Digital. As respostas foram variadas. Os termos “textos”, “informação” e “notícia” foram os mais citados com 39% das menções. Já os quesitos “vídeos”, “música”, “fotos”, “filmes”, “charges” e “imagens” aparecem com 36% das preferências. Já os itens “literatura”, “livros”, “poesia”, “blog”, “autores”, “biografia”, “histórias”, “aventuras” aparecem nas citações de 25% do público pesquisado. Para explicar sobre o que consideram literatura consumida em redes, foram selecionadas e transcritas algumas respostas dadas pelos estudantes entrevistados eles, detalhando suas preferências:

Aluno 1:

“Leio romances, aventuras, ficções em geral pelo celular. Faço amizades virtuais e também adoro mais que tudo as biografias”.

Aluno 2:

“Gosto de ver fotos, vídeos, textos e informações”.

Aluno 3:

“Sim consumo literatura nas redes sociais. Tem um aplicativo bem legal que se chama Wattpad que a gente pode ler no celular e sem internet. É muito bom. Conheço várias pessoas de cidades distintas. Estudo. Escuto músicas, assisto filmes. Tumblr”.

Aluno 4:

“Leio livros e fanfics pelo Tumblr e Wattpad, além de músicas”

Aluno 5:

Tumblr, Wattpad, Nijah Fanfic são aplicativos de livros de autores conhecidos e desconhecidos. Leio blogs de poesia, escuto música tudo pela rede social e escrevo poesia.

5. Considerações finais

O presente estudo é embrionário e faz parte de uma pesquisa de dissertação sobre o mesmo assunto. Neste momento, o estudo indicou que a *transliteratura* já é uma realidade na prática de vários internautas, embora não haja total consenso quanto ao que se possa considerar *literatura* nas redes sociais digitais. As novas tecnologias de informação e comunicação são recursos que colaboram para a divulgação e o consumo de textos literários, mas é preciso rever conceitos que estão surgindo em re-

lação à literatura eletrônica como estímulo e aproximação de alunos e leitores. O uso das NTIC e das redes sociais digitais como ferramenta docente é uma forma de reavaliar e repensar o ensino, sem deixar de lado outros suportes como o tradicional livro impresso que deve e pode coexistir com as mídias digitais por um longo período de tempo. A utilização da *transliteratura* como objeto de ciência ou como recurso educativo é algo relativamente novo nos textos e práticas acadêmicos. Estima-se que, sua adequada exploração tecnológica e humana, poderá resultar em importante ferramenta de ensino-aprendizagem, cultura e afetividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Trad.: Ivo Barroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CASTELS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informática: economia, sociedade e cultura. Rio de Janeiro: Paz e Vida, 1999.

_____. *A galáxia: reflexões sobre negócios e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FAVA, Rui. *Educação 3.0: aplicando o DPCA nas instituições de ensino*. São Paulo: Saraiva, 2014.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário brasileiro globo*. 25. ed. São Paulo: Globo, 1992.

HAYLES, N. Katherine. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. 1. ed. São Paulo: Global: Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

LEMONS, André. *Cibercultura*. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. Cidade-ciborgue: a cidade na cibernética. *Galáxia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica*, n. 8, p. 129-148, 2004.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999

LITERATURA. WIKIPEDIA. Disponível em:

<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura>>. Acesso em: 30-10-2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NELSON, Theodor Holm. *Transliteration*. Disponível em:

<<http://transliteration.org>>. Acesso em: 30-10-2016.

PESSOA, Fernando. *Navegar é preciso*. 2016. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>>.

Acesso em: 30-10-2016.

PRENSKY, Marc. Digital Natives Digital Immigrants. *On the Horizon*, NCB University Press, vol. 9, n. 5, 2001.